

ETNOECOLOGIA NA BAÍA DO IGUAPE: IDENTIDADE CULTURAL, TERRITORIAL E CONFLITOS SÓCIO-AMBIENTAIS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Thiago Leandro da Silva Dias¹ e Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Ciências Biológicas, pesquisador do Núcleo de Pesquisa Ambiente, Sociedade e Sustentabilidade (NUPAS), Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: thiago_veg@yahoo.com.br
2. Orientador, Departamento de Ciências Biológicas, coordenador do Núcleo de Pesquisa Ambiente, Sociedade e Sustentabilidade (NUPAS), Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: fpbandeira@gmail.com

Palavras-Chave: Baía de Todos os Santos, Populações Tradicionais, Territorialidade

INTRODUÇÃO

A Baía do Iguape se localiza no Recôncavo Baiano, situada na Baía de Todos os Santos (BTS). O seu entorno dispõe de ecossistemas como mata atlântica remanescente, floresta secundária, manguezal e restinga, abrigando milhares de famílias que vivem destes ecossistemas próprios ou associados. Pesca artesanal, extrativismo vegetal e agricultura de subsistência são as principais atividades econômicas destas populações. No entanto, esta região vem sofrendo mudanças significativas (AGUIAR, 1991; PROST, 2007).

A Baía do Iguape abrange uma Reserva Extrativista (RESEX) que se estende sobre águas interiores. Essa Unidade de Conservação visa proteger os ecossistemas de manguezal e aquáticos, assim como o modo de vida das populações extrativistas: pescadores e marisqueiros (PROST, 2009). Entretanto, recentemente o governo estadual propôs (e está iniciando) a instalação de um pólo naval na extremidade sul da Resex. Dessa forma, as comunidades pesqueiras se vêem diante da perspectiva de riscos no tocante à preservação do meio natural (PROST, 2009), representando assim um contexto de conflito socioambiental surgido, conforme Acsehrad (2004), a partir de distintos projetos, sentidos e fins para o uso dos recursos ambientais. Sendo assim, se faz necessária uma busca por formas participativas na gestão dos recursos de uso comum, decisivos para reprodução sócio-cultural de populações tradicionais (ACSELRAD, 2004). Nesse sentido, o presente trabalho objetivou analisar as interações entre as populações tradicionais da Baía do Iguape com os elementos dos ecossistemas em que estão inseridas bem como as interações conflitivas entre comunidades, Estado e Empresas.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida na Baía do Iguape, nos distritos de Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu (Figura 1), situados na região do Recôncavo Baiano, “que corresponde às terras em volta da Baía de Todos os Santos, podendo ser considerado o berço da cultura baiana, pois foi nela que se estruturou primeiramente a amalgamação das culturas indígena, negra e européia” (SOUTO, 2004).

Foram realizadas entrevistas livres e parcialmente estruturadas com as comunidades, sendo alguns tópicos fixos e outros redefinidos conforme andamento da entrevista visando canalizar o diálogo para as questões a serem investigadas (VIERTLER, 2002). Em São Francisco do Paraguaçu foi trabalhada apenas a percepção de conflitos socioambientais na região, já em Santiago foi estudada a totalidade dos objetivos. Somado às entrevistas, foram feitas observações diretas, etnografias visuais e análise documental. Na dinâmica da pesquisa

os sujeitos participantes foram escolhidos através de indicação do primeiro entrevistado, seguindo essa metodologia até saturação das informações dos principais eixos do trabalho pretendido. Foi entrevistado um total de nove sujeitos, dos quais quatro pescadores artesanais, três marisqueiras e duas representações antigas da comunidade.

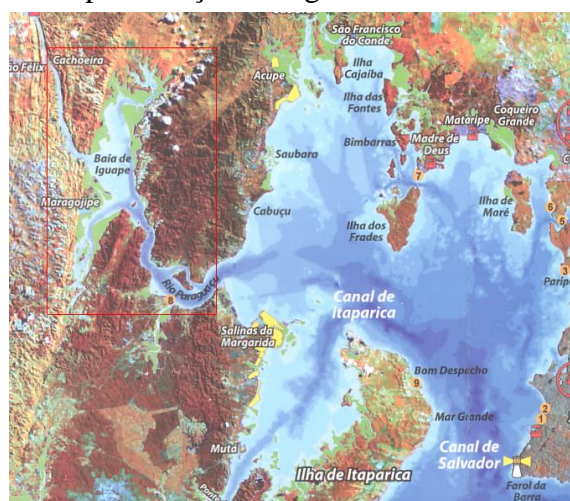


Figura 1: Baía do Iguape situada na Baía de Todos os Santos (a) - Mapa Temático da Baía de Todos os Santos adaptado *in*: HATJE & ANDRADE, 2009.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Informações socioeconômicas e dinâmicas/identidades territoriais

A pesca desempenha um importante papel, seja pelo consumo direto da extração, seja pela renda retirada da venda das capturas (PROST, 2009), fato perfeitamente observado no contexto de Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguai, cuja pesca, a partir das entrevistas e observações, representa a maior fonte de renda das famílias, que não ultrapassa dois salários diante da presente pesquisa. É notório o sentimento de pertença da comunidade entrevistada ao território, seja ele terrestre ou marinho, e nesse sentido uma territorialidade específica é possível identificar.

Formações, tradições e atividades culturais como aspectos identitários

Das atividades culturais tradicionais praticadas na comunidade, destacam-se: dois grupos de samba de roda, dança afro e duas quadrilhas juninas, somando quatro grupos culturais. A Festa de São Pedro no distrito de Iguape é muito conhecida na região entorno, chegando a receber dezenas de ônibus cheios para participação na festa que conta com apresentações de bandas e quadrilhas durante o período junino. Informantes antigos relatam que antigamente existia a Festa do Padroeiro da comunidade, Santiago, que ocorria no dia 25 de julho.

Práticas, atividades produtivas e conhecimentos tradicionais

As atividades produtivas, observadas e fornecidas a partir das entrevistas, realizadas em Santiago do Iguape seguem a caracterização geral revisada por Prost (2007) para região, definindo a pesca (incluindo a mariscagem), extrativismo vegetal (lenha, piaçava e frutos como o dendê, por exemplo); agricultura e pecuária em pequena escala (Figura 3).



Figura 3: Algumas práticas produtivas. Ratueira para pegar ganhamum (a); Mariscagem do sururu (b); Manejo e tratamento do feijão (c).

Sobre os conhecimentos tradicionais com relação às atividades produtivas foram diversos depoimentos. O uso da mata e dos recursos vegetais, segundo as entrevistas e observações, também foi bastante presente na confecção de artefatos de pesca e como auxiliar na produção de diversas atividades, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 1: Usos e utensílios construídos através de recursos vegetais.

Recurso vegetal	Utensílio / artefato	Uso
Cabaça	Chapéus, porta-lápis, lustres	Artesanal
Cabaça e biriba	Berimbau	Musical
Cipó	Cofó	Armazenar o pescado
Cipó	Secador	Secar o pescado
Madeira do mangue	Madeira	Cercas e Camboas
Bambu	Madeira	Cercas e Camboas
Piaçava	Chapéus, porta-lápis, lustres	Artesanal
Tala do dendê	Munzuá	Para pegar siri de mangue e morêa
Palha de Licuri	Cordão	Amarrar caranguejo
Folha do brejo	Arreio	Apoiador para montagem em cavalos

Percepção das transformações socioambientais ao longo dos anos

“Pra você conseguir dois, três quilos de camarão tem que batalhar o dia todo. Antigamente você butava um lança e tirava 30, 10, 20 quilos. Meu pai mesmo já tirou 67 quilos, hoje você não vê mais isso...” (P6)

Os depoimentos só reforçam a história ambiental da localidade e realidade da Baía do Iguape, consideravelmente afetada pela atividade industrial reforçada a partir da década de 80 na região, como por exemplo a influência da barragem Pedra do Cavalo e seus diversos desdobramentos negativos para pesca artesanal (PROST, 2007; MARTINS, 2009). Outra percepção muito notória da comunidade, relatada pela totalidade dos/as entrevistados/as foi a presença de uma coceira oriunda do mangue.

Percepção de conflitos socioambientais

Foi possível identificar que um dos principais conflitos locais em Santiago do Iguape é o uso de bombas para pescar. Houve indicação também da barragem pedra do cavalo como forte impulsora de conflitos na comunidade. Para complementar, segundo Martins (2009), na bibliografia consultada, as informações de diminuição dos estoques pesqueiros e desaparecimento de espécies de importância econômica, quer atribuídas ao emprego de explosivos na pesca, quer pela ação da hidroeétrica de Pedra do Cavalo, são recorrentes. Algumas entrevistas indicaram a construção do Pólo Naval como possível conflito futuro.

Em São Francisco do Paraguaçu existe uma comunidades remanescentes de quilombos, no entanto, com o processo de reconhecimento, delimitação e demarcação territorial desta comunidade, uma série de entraves e conflitos se originaram com fazendeiros locais.

Conhecimento do/sobre o empreendimento Pólo Naval

Poucas pessoas da comunidade têm conhecimento sobre o empreendimento do Pólo Naval. Das entrevistadas, apenas as que têm atividade direta com a colônia de pescadores ou com a associação quilombola possuía tal conhecimento, e vale ressaltar, uma postura e análise da realidade muito crítica. Mesmo com informações bem dispersas, alguns entrevistados demonstraram imaginar as conseqüências diretas e indiretas que o Pólo Naval pode trazer para comunidade de Santiago do Iguape. Informações semelhantes encontraram-se na literatura científica e técnica (PROST, 2009; MARTINS, 2009). Quando perguntados sobre a perspectiva do projeto Pólo Naval gerar emprego para comunidade local, as respostas foram incisivas e em diálogos com a literatura sobre a questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território marinho é sem dúvida o principal espaço material e simbólico reivindicado pela comunidade, externalizando a identidade territorial de pescador, marisqueira e quilombola, numa conjuntura promovida pela marginalização social histórica, porém, como afirma Cordell (2001), com “sistemas de manejo tradicional, com leis não escritas”, ajudando como exemplo, “os pescadores artesanais da Bahia a transcender sua condição de marginalidade social”. Além de referendados em lei, os direitos das populações e povos marginalizados devem ser efetivados na prática respeitando sua autonomia. Não foi verificada essa efetivação de direitos através dos relatos e observações desta pesquisa, pelo contrário, tanto na realidade do pólo naval, de São Francisco do Paraguaçu, como nas demais realidades de conflitos relacionados, as comunidades ou povos tradicionais, embora reivindiquem culturalmente e territorialmente memória identitária, como verificado, acabam por se encontrar numa condição de vulnerabilidade social, cultural e econômica.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. Conflitos Ambientais – a atualidade do objeto. In: ACSELRAD, H. (org.) Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- AGUIAR, M. C. P. Degradação Ambiental da Baía de Todos os Santos. Bahia Análise e Dados, Salvador, v. 1, n. 1, p. 55-57, jun. 1991.
- CORDELL, John. Marginalidade social e apropriação territorial marítima na Bahia *in*: DIEGUES, Antonio Carlos & MOREIRA, André C (orgs). Espaço e Recursos Naturais de Uso Comum. São Paulo: NUPAUB/USP, 2001 pp. 139-159.
- HATJE, V. ANDRADE, J (org). Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos. Salvador: EDUFBA, 2009. 306 p.
- LITTLE, P. E. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006
- MARTINS, Viviane. Consultoria ICMBio/PNUD – Apoio à Elaboração do Plano de Manejo Participativo da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape Relatório final. Maragogipe, julho de 2009.
- PROST, C. Resex marinha versus pólo naval na Baía do Iguape. In: IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2009, Niteroi. Anais do V Simpósio Internacional de Geografia Agrária. Niteroi : UFF, 2009. v. 1. p. 1-17.
- SOUTO, F.J.B. A ciência que veio da lama: Uma abordagem Etnoecológica Abrangente das Relações Ser Humano/Manguezal na Comunidade Pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia. Tese (Doutorado em Ecologia), CCBS, Universidade Federal de São Carlos, PPGERN, São Carlos-SP, 2004.